

# Valentina



Valentina (Thiessa Woinbackk) no pátio da escola - Foto: Divulgação

**Disponível:** plataforma Netflix

## Ficha técnica

Gênero: Drama

Direção: Cássio Pereira dos Santos

Roteiro: Cássio Pereira dos Santos e Camila Machado

Elenco: Valentina (Thiessa Woinbackk), Márcia (Guta Stresser), Amanda (Letícia Franco), Júlio (Ronaldo Bonafro), Renato (Rômulo Braga), Lauro (João Gott), Marcão (Pedro Diniz), Beto (Pablo Thomaz), Lindalva (Maria De Maria), Professora Maristela (Aryadne Amâncio)

País e ano de produção: Brasil/2020

Duração: 95 min

Classificação indicativa: 14 anos

## Sinopse

Valentina (Thiessa Woinbackk), uma jovem transexual de 17 anos, se muda para a pequena cidade mineira de Estrela do Sul com sua mãe, Márcia (Guta Stresser). Após a mudança, quer retomar os estudos e vai com Márcia até a única escola da cidade para solicitar uma vaga usando seu nome social. A diretora da escola não tem familiaridade com essa questão, diz que consultará as instâncias superiores e solicita a assinatura da mãe e do pai (ausente) para realizar a matrícula. Apesar dessa condição, se mostra solícita oferecendo à jovem a oportunidade de frequentar aulas de reforço para retomar os estudos. Nessas aulas, conhece seus dois grandes amigos, Amanda (Letícia Franco) e Júlio (Ronaldo Bonafro). O filme começa no final de um ano letivo e termina no início do ano letivo seguinte. Durante esses meses, Valentina tem que lidar com questões difíceis dentro e fora da escola.

## Sobre o diretor



**Cássio Pereira dos Santos** nasceu em Patos de Minas, Minas Gerais, em 1980. Estudou cinema na Universidade de Brasília. Após a formatura, trabalhou como diretor assistente e produtor em um canal de TV educativo. Roteirizou e dirigiu curtas-metragens como **A Menina-Espantelho** (2008), **A mulher no alto do morro** (2012), **Marina não vai à praia** (2014), **Iara** (2018), trabalhos selecionados e premiados em vários festivais de cinema. **Valentina** (2020) é seu primeiro longa-metragem, onde apresenta a atriz transexual e *youtuber* Thiessa Woinbackk. Cássio faleceu em Uberlândia, em 30/09/2022, aos 42 anos.

## Filmografia

2004 - *For Times You Have Nothing to Say* (curta-metragem)

2008 - *Cidade Vazia* (curta-metragem)

2008 - *A Menina-Espantelho* (curta-metragem)

2009 - *A Culpa* (curta-metragem)

2011 - *Blue Night Club* (curta-metragem)

2012 - *A mulher no alto do morro* (curta-metragem)

2014 - *Marina não vai à praia* (curta-metragem)

2018 - *Iara* (curta-metragem)

2020 - *Valentina* (longa-metragem)

## Eu não nasci menina: transexualidade



Júlio (Ronaldo Bonafro), Amanda (Letícia Franco) e Valentina (Thiessa Woinbackk) - Foto: divulgação

O filme **Valentina** consegue tratar com leveza (sem ser superficial) temas considerados difíceis de serem abordados. O fato da transexualidade não ser um tabu dentro de família da protagonista confirma essa tendência e se filia a filmes nacionais que avançaram de forma positiva a respeito da temática LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexo, agêneros, pansexuais, pessoas não binárias e outros – veja glossário ao final).

Mas antes de avançarmos, é importante lembrarmos **o que é transexualidade**. De forma descomplicada, podemos dizer que **transexual (trans ou transgênero)** é uma pessoa que não se identifica ou não se sente confortável com seu sexo biológico. Apenas para deixarmos claro, vamos recordar os nomes de algumas **mulheres trans brasileiras**: Laerte Coutinho (cartunista e chargista), Liniker (cantora e atriz), Glamour Garcia (atriz), Linn da Quebrada (cantora e atriz), Érica Malunguinho (deputada estadual de São Paulo), Erika Hilton (vereadora de São Paulo) e a própria Thiessa Woinbackk (influenciadora digital e atriz); como também alguns **homens trans brasileiros**: João Nery (psicólogo), Tarso Brant (ator), Thammy Miranda (ator e vereador de São Paulo) e Léo Moreira Sá (ator).

Retornando ao longa-metragem: Valentina desde o início do filme tem a questão da transexualidade bem resolvida, porém as questões burocráticas e preconceituosas da sociedade são o grande problema. Dizemos isso porque no início do filme, quando vai a uma matinê com amigas, para entrar no local, tinha que mostrar seu RG. Como é uma mulher trans e ainda não tinha conseguido fazer a alteração do RG com seu nome social (nome com o qual as/os transexuais e travestis se reconhecem e se identificam como pessoas), falsificou um documento porque não gostaria de expor sua identidade como menino. Esse tipo de situação é comum na vida de uma ou um trans, porém não deveria ser dessa forma.

Outro ponto importante é o fato de em uma cena, vemos Valentina tomando comprimidos antes de dormir, provavelmente hormônios que auxiliam no processo de transição de uma mulher trans. É um mero detalhe que revela a naturalidade da transexualidade para ela e sua mãe, Márcia (Guta Stresser). Guta está muito bem no papel de “mãe leoa” porque é uma fortaleza defendendo, lutando, esbravejando por sua filha em tudo o que for e não for preciso, respeitando-a e reconhecendo-a como mulher e filha – infelizmente algo não tão comum nesse universo.

E uma cena bonita é quando Valentina, com toda a força semântica que há por detrás desse nome, após ter sua identidade de gênero (veja glossário ao final) exposta na cidadezinha onde mora – na festa de réveillon, Marcão (Pedro Diniz) tocou nas partes íntimas dela e descobriu que ela é uma mulher trans, divulgando esse fato pela internet – contar a seus dois grandes amigos, Amanda (Letícia Franco) e Júlio (Ronaldo Bonafro), que é uma mulher trans: sem teorizar ou fazer grandes discursos, enquanto Amanda batia a massa para fazer o bolo do chá de seu bebê, fala que queria contar uma coisa para eles e simplesmente diz: **Eu não nasci menina**. Esse enunciado singelo tem muito a ver com as questões do filme porque muitas vezes a simplicidade pode dizer muito mais do que elucubrações. A partir daí os laços entre os três amigos se fortalece ainda mais e Júlio, jovem gay e negro, confia que apesar de seus 17 anos, mesmo já estando com alguns rapazes, nunca tinha beijado na boca (essa questão, quase ao final do filme, terá um belo desfecho).

Essa cena é bastante intensa porque temos a adolescente grávida que não sabe se terminará seus estudos devido à gravidez precoce, a jovem que conta ser uma mulher trans e o rapaz gay que relata nunca ter dado um beijo na boca. E juntos decidem desvendar quem foi que abusou de Valentina na festa de réveillon e divulgou imagens pelos celulares da

cidade de um corpo musculoso masculino com a cabeça de Valentina, como se fosse uma aberração.

## Nome Social X Escola



Valentina (Thiessa Woinbackk) e sua mãe (Guta Stresser) na escola – Foto: divulgação

Agora uma das questões colocadas pelo filme e bastante relevante é o fato de ao tentar voltar a estudar, Valentina querer usar seu nome social. Inicialmente a diretora da escola, Lindalva (Maria De Maria), não tem familiaridade com essa legislação e vai consultar as instâncias superiores. Realiza essa consulta especialmente pelo fato de Márcia e Valentina sempre reforçarem que o uso do nome social é uma lei brasileira. Feita a consulta, a diretora afirma que Valentina poderá se matricular usando o nome social, mas exige que a matrícula seja assinada por sua mãe e seu pai. Aqui há uma espécie de entrave criado pela diretora porque, ao mesmo tempo, que é acolhedora (ofereceu aulas de reforço para Valentina retomar o contato com o ambiente escolar) é a burocrata representante da Instituição de Ensino.

É interessante que para o roteiro do longa-metragem, a ausência do pai, Renato (Rômulo Braga), desencadeará sua busca a fim de que Valentina possa se matricular como também regularizar sua situação a respeito do RG com seu nome social. O pai é ausente, desaparecido desde o início. Aparece do meio para o final do filme a partir do momento em que violentam Valentina cortando seu cabelo. Na realidade, a ajuda dele é burocrática porque vai à delegacia saber como andam as investigações referentes à essa violência, auxilia Valentina a tirar o RG com seu nome social e assina a matrícula para ela poder estudar.

As cenas do início do filme e diversas outras representam as batalhas diárias que as/os trans enfrentam para realizar algo tão simples como a matrícula em uma escola: são os obstáculos do sistema. E essa luta não é apenas na matrícula, mas no existir/resistir como trans em uma sociedade calcada em preconceitos. Assim, mesmo após realizar a matrícula na escola usando seu nome social, Valentina terá que enfrentar Lauro (João Gott), líder de um grupo de pais, porque tentam impedir que ela frequente as aulas por transfobia.

Apesar de todo esse movimento, Valentina vai à escola no primeiro dia de aula, adentra nela, passa pelos corredores e ao tentar entrar na sala de aula é barrada por Lauro. Mas consegue entrar com a ajuda da professora Maristela (Aryadne Amâncio), mulher, negra, professora que desde a recuperação cuida, acolhe e inclui. Contudo, Lauro não se dá por satisfeito, arromba a porta e para a surpresa dele, as/os colegas de sala de Valentina se rebelam contra ele e todo o conservadorismo que ele e a sociedade representam. E o

momento de catarse ao final do filme é quando a professora retoma a chamada e fala o nome de Valentina para que ela finalmente possa dizer: **presente!**, abrindo um sorriso feliz e começando a deliciosa música *Eu Nasci Ali*.

O diretor do filme, antes de trazer os créditos finais nos apresenta dois dados importantes a respeito da realidade trans em nosso país. O primeiro deles é que “no Brasil estima-se que a evasão escolar de meninas e meninos trans é de 82%”. Essa evasão gigante revela o despreparo das instituições escolares para receber, conversar e acolher as/os trans e travestis. Na realidade, apesar dos avanços em relação ao acesso à escola, a permanência ainda é precária por diversas razões. É importante que as escolas sejam ambientes acolhedores, fraternos, humanos, conhecedores dos direitos das/os trans e travestis e tratem a todEs com empatia desde o momento em que chegam ao guichê para pedir informações sobre matrículas, até como apresentá-la/lo na sala de aula ou permitir o uso do banheiro em que se sintam mais à vontade (veja glossário ao final).

O outro dado apresentado é que a expectativa de vida dessa população é de 35 anos resultado dos numerosos assassinatos e agressões a transexuais e travestis na nossa sociedade. No filme temos a cena em que Marcão abusa de Valentina ao tocá-la na festa de réveillon, também há a cena em que Lauro e seus comparsas abusam dela quando cortam seu cabelo como se estivessem tolhendo sua feminilidade e, ainda, vemos a violência simbólica pelos olhares das pessoas que a julgam e das falas camufladas na cidadezinha. O longa, ao representar na tela pessoas a quem esse espaço sempre foi negado e trazer a discussão para nossa sociedade, poderá interferir e promovendo o debate, a reflexão, políticas públicas que alterem os dados acima ao longo do tempo.

## Linguagem Cinematográfica



Márcia (Guta Stresser) e Valentina (Thiessa Woinbackk) em total sintonia – Foto: Divulgação

A respeito da linguagem cinematográfica, Cássio Pereira dos Santos, o diretor de **Valentina**, afirma que queriam algo mais naturalista e para isso partiu do filme **Quando se tem 17 anos (Quand On a 17 Ans**, França, 2016) de André Téchiné.

Ao longo de **Valentina**, notamos o belo trabalho do diretor de fotografia, Leonardo Feliciano, que joga luz na protagonista num cenário conservador de uma cidade do interior. Na realidade é um grande acerto o filme se passar em uma cidade pequena onde as discussões de gênero quase não existem, mas o preconceito / a violência contra transexuais e travestis serem monstruosas.

Além do mais, alterna planos médios retratando a distância sentida por Valentina e planos fechados que reforçam sua dor solitária. O jogo desses planos revela que essa é uma luta dela, mesmo tendo o apoio incondicional da mãe e dos amigos. Esses planos vão se tornando mais fechados e dialogando com a perseguição que Valentina sofre por parte de Lauro e Marcão.

Mas há luz no fim do túnel, pois Valentina e seu pai quando saem do cartório (escuro), após darem entrada na retificação de nome e gênero, se dirigem a uma rua ensolarada fechando um ciclo de um período difícil e abrindo um período de esperança para Valentina.

Outro aspecto importante é o uso frequente do close para trazer e revelar sentimentos, emoções, desejos, vontades, direitos, contestações, gritos de Valentina. É como se fosse possível adentrarmos em sua subjetividade e seu repertório emocional vir à tona. Os diálogos também são bons e sensíveis apontando para um roteiro bem escrito.

## Possibilidades de abordagens:



Valentina (Thessa Woinbackk) entrando na escola no primeiro dia letivo de aula – Foto: divulgação

A seguir há alguns questionamentos que poderão auxiliar no debate do filme.

Dar nome, contar histórias e evidenciar fragilidades do universo transexual e travesti é importante para aqueles que ainda não entendem a pluralidade das pessoas? Em que aspectos?

É necessário falarmos sobre transexualidade (transgeneridade) nas escolas? Nas nossas casas? Na sociedade? Por quê?

O filme dialoga com a realidade das/dos trans e travestis no Brasil atual? Como?

Quais dos seguintes temas são representados no filme: Intolerância? Preconceito? Violência simbólica? Violência real? Cyberbullying? E como são representados?

Em que medida o RG com nome social e a chamada na escola são a grande virada na vida Valentina?

Por que a liberdade de minorias incomoda tanto boa parte da sociedade? Todos não deveriam ter seus direitos assegurados?

O Brasil ainda é um país muito conservador, como é possível interferirmos nesse conservadorismo?

A afetividade pode ser uma forma de lidarmos com o preconceito? Em que medida?

Esse filme retrata uma juventude trans, mas quais seriam as questões vividas pelas/os trans e travestis de 30, 40, 50 anos no Brasil atual?

De que maneira as leis e políticas públicas favorecem o respeito às/aos trans e travestis?

Você já ouviu falar do Programa Transcidadania? Vamos pesquisar na internet e pensar como ele pode interferir na vida das/os trans e travestis?

Que outros programas existem que podem nos auxiliar nesse debate?

Na sua cidade existem espaços que acolhem, dentro de suas especificidades, as/os trans e travestis?

De que forma pessoas que não pertencem ao universo LGBTQIA+ podem defender e apoiar a causa trans?

## Trilha Sonora e Elenco



Os três amigos na festa de réveillon – foto: divulgação

A trilha sonora original do filme é composta pela banda paranaense Tuyo, com destaque para o single *Eu Nasci Ali*, realizado em coautoria com a cantora e compositora Xan. Essa música, até então inédita, foi lançada nas plataformas digitais com o lançamento do filme nos cinemas em 19 de agosto de 2021. Ainda conta com músicas de Enme Paixão, Bemti (feat. Johnny Hooker), Jhury Machado, Duda Beat (feat. Mateus Carrilho e Jaloo) e Pedro Mesquita.

O elenco e equipe de *Valentina* são compostos, em grande parte, por membros da comunidade LGBTQIA+. Thiessa Woinbackk é uma mulher trans e influenciadora digital, na época da gravação do filme tinha 28 anos. Sofia Carneiro é uma mulher trans e psicóloga, foi consultora do roteiro. Pedro Diniz ator trans é pesquisador e foi consultor do filme.

Letícia Franco é estudante de Design na Universidade Federal de Uberlândia e Ronaldo Bonafro estuda Artes Cênicas nessa mesma Universidade.

## Para saber mais

[www.valentinafilme.com.br](http://www.valentinafilme.com.br)

**Instagram:** @valentinafilme

**Instagram Thiessa:** @thiessita

**Entrevista com Cássio Pereira dos Santos e Thiessa Woinbackk:**

<https://www.youtube.com/watch?v=PlaOMyvb82Y&t=126s>

**Transfobia:** <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno04-Transfobia-Site.pdf>

**Transfobia no ambiente escolar:**

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/transfobia-no-ambiente-escolar.htm>

**Cartilha Nome Social**

[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Folders/cartilha\\_nome\\_social.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Folders/cartilha_nome_social.pdf)

**Diversidade Sexual e Cidadania:**

<https://justica.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/CARTLHA-DIVERSIDADE-SEXUAL-4%C2%AA-EDI%C3%87%C3%83O-2021.pdf>

**CATS - Coletivo de Artistas Transmasculines**

<https://www.casaum.org/coletivo-de-artistas-transmasculines-a-nossa-luta-e-primeiro-por-visibilidade/>

**Legislação sobre nome social para a cidade de São Paulo**

<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-secretaria-municipal-de-educacao-sme-2-de-9-de-agosto-de-2019>

**Filmes que abordam a temática trans:**

**Alice Júnior** (Brasil, 2019) de Gil Baroni

**Uma mulher fantástica** (Alemanha, Chile, 2017) de Sebastián Lelio

**A garota dinamarquesa** (Alemanha, Bélgica, Dinamarca, EUA, 2015) de Tom Hooper

**Tomboy** (França, 2011) de Céline Sciamma

**Minha vida em cor de rosa** (França, 1997) de Alain Berliner

**Série que traz a temática trans:**

**Manhãs de Setembro** (Brasil, 2021) de Dainara Toffoli e Luís Pinheiro

## Prêmios



Cássio Pereira dos Santos, Thiessa Woinbackk e Guta Stresser no set de gravação de **Valentina** –  
Foto: divulgação

O filme **Valentina**, dirigido por Cássio Pereira dos Santos, **até agora recebeu 21 prêmios:**

- OutFest Los Angeles: Melhor Atuação para Thiessa Woinbackk
- Festival Cine Latino Minneapolis: Prêmio do Público
- 44ª Mostra de Cinema de São Paulo: Prêmio do Público de Melhor Longa Brasileiro e Prêmio Especial do Júri de Melhor Atuação para Thiessa Woinbackk
- Festival Mix Brasil: Melhor Longa Brasileiro (Coelho de Ouro), Prêmio do Público, Melhor Roteiro e Melhor Atuação para Thiessa Woinbackk
- 51º Festival Internacional de Cinema da Índia, em Goa: Melhor Diretor Estreante em Longas
- Festival Internacional de Cinema de Seattle: Prêmio Especial de Melhor Atuação para Thiessa Woinbackk
- Festival de Cinema Queer de Montreal: Prêmio do Público
- Pink Film Days Amsterdam: Hivos' Free to be Me Award
- Festival Mix Milano: Prêmio Especial do Júri para Longa Metragem
- Festival Queer de Geneva: Prêmio do Público
- 61º Festival de Cinema de Zlín, na República Tcheca: Melhor Longa na Competição Jovem e Prêmio Especial do Júri Ecumênico.
- Translations - Festival de Cinema Trans de Seattle: Prêmio do Júri de Melhor Longa e Prêmio do Público
- 50º Molodist, Festival de Cinema de Kiev: Prêmio Especial do Júri.
- Barnes Film Festival, UK: Segundo lugar na Competição de Longas.
- Mix Copenhagen Queer Film Festival 2021: Prêmio do Público.

## Glossário sobre a temática LGBTQIA+

O glossário a seguir não tem como finalidade esgotar a temática LGBTQIA+, mas apenas ser uma introdução para diversas questões referentes a esse tema.

**SEXUALIDADE** está relacionada à **genética binária** em que a pessoa nasceu: **masculino**, **feminino** e **intersexo**.

**ORIENTAÇÃO SEXUAL** relaciona-se ao **desejo** de se relacionar afetiva e/ou sexualmente com outros gêneros. Não existe **OPÇÃO SEXUAL**.

- homossexualidade é a atração por uma pessoa do mesmo gênero.
- heterossexualidade é a atração por uma pessoa de gênero diferente.
- bissexualidade é a atração por pessoas dos dois gêneros.
- assexualidade é quando não há atração sexual por nenhum gênero.

**IDENTIDADE DE GÊNERO** é a forma **como a pessoa se entende, se vê** (homem, mulher, não binário...).

**EXPRESSÃO DE GÊNERO** é **como manifestamos a identidade em público**, a forma como nos vestimos, nossa aparência (corte de cabelo, por exemplo), como agimos, interagimos e nos comportamos, independente do sexo biológico.

**CISGÊNERO** é quando a identidade de gênero da pessoa está de acordo com seu sexo. Um homem é cisgênero se seu sexo biológico e sua identidade de gênero forem masculinas, independente da orientação sexual que tenha, homossexual ou heterossexual. Há homens e mulheres cisgêneras homo, hetero e bissexuais.

**ANDRÓGENO** é a pessoa cuja expressão de gênero transita entre os polos homem e mulher. Em geral, o andrógeno usa roupas, corte de cabelo e acessórios considerados unissex.

**ASSEXUAL** é quem não possui desejos sexuais.

**BISSEXUAL** é a pessoa que sente atração por homens e mulheres.

**CROSSDRESSER** é o fetiche de homens que gostam de se vestir de mulher.

**DRAG QUEEN / DRAG KING** é a pessoa que se veste de acordo com o gênero oposto para performance artísticas.

**GAY** é o homem que sente atração sexual/afetiva por outro(s) homem(ens).

**GÊNERO FLUIDO** é a pessoa que é ou se entende como mulher em algum momento da vida, homem em outro e transita por outras identidades de gênero, sem qualquer problema.

**INTERSEXUAL**: esse termo substitui a palavra “hermafrodita” e define a pessoa que tem características sexuais femininas e masculinas – genitália e aparelho reprodutor.

**LÉSBICA** é a mulher que sente atração sexual/afetiva por outra(s) mulher(es).

**NÃO BINÁRIO** é quem sente que seu gênero está além ou entre homem e mulher e pode defini-lo com outro nome e de maneira diferente.

**PANSEXUAL** é a atração sexual ou romântica por qualquer sexo ou identidade de gênero.

**QUEER** ao pé da letra essa palavra significa estranho e era usada como ofensa a pessoas LGBTQIA+. Porém, essa comunidade se apropriou do termo e atualmente se refere a todos que não se encaixam na heterocisnormatividade, que é a imposição da heterossexualidade e da cisgeneridade.

**TRAVESTI** é uma pessoa que nasceu no gênero masculino mas se entende pertencente ao gênero feminino, porém sem reivindicar a identidade de mulher como acontece no caso de uma mulher transexual.

**TRANSEXUAL (TRANS OU TRANSGÊNERO)** é uma pessoa que assume a identidade oposta ao gênero em que nasceu sentindo-se pertencente a esse gênero oposto. Essa identidade é ligada ao psicológico e não ao físico, pois pode ou não haver uma mudança fisiológica para adequação.

Em relação ao **uso do banheiro**, sugerimos um cartaz como o abaixo para que as/os trans e travestis possam usar o banheiro onde se sintam confortável. É importante que a escola como um todo discuta essa questão e esses termos para que haja respeito, acolhimento e empatia.



Material Introdutório do debate sobre o filme *Valentina*, de Cássio Pereira dos Santos  
Elaborado pelo Coletivo Janela Aberta

